



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em ato  
alusivo à visita por ocasião da retomada das obras do Metrô de Salvador**

**Salvador – BA, 21 de março de 2006**

Primeiro, deixe-me agradecer as palavras carinhosas do nosso querido prefeito João Henrique. Muito obrigado pelas palavras. Eu queria agradecer, também, a presença do Governador do estado, e eu queria apenas que vocês compreendessem que, em vários estados em que eu vou, muitas vezes o governador inventa uma viagem para não me receber, porque tem divergência política. Eu disse agora, em Alagados, e vou dizer na frente de vocês, que o governador Paulo Souto, em nenhum momento em que vim a Salvador, deixou de me receber no aeroporto. Uma demonstração de que é possível a gente fazer política de forma civilizada e que... imagina se o torcedor do Vitória, cada vez que vai ao estádio, vai brigar com o torcedor do Bahia. Imagina se cada vez que o evangélico se encontra com um católico, vão brigar. Então, eu acho que na política é assim. A gente pode pertencer a partidos diferentes, pode ter candidaturas diferentes, mas o povo exige que a gente seja civilizado no tratamento com as pessoas.

Então, eu quero agradecer ao nosso Prefeito e ao Governador. Falar dos ministros Jaques Wagner, Waldir Pires e Gilberto Gil, que são baianos, é desnecessário. Mas eu queria apresentar a nossa companheira Matilde, que é nossa companheira ministra da Igualdade Racial, no país, e o nosso ministro Márcio Fortes, que é o companheiro ministro das Cidades, responsável pelas obras do metrô.

Quero dizer para vocês que, durante esta semana, algumas pessoas tentaram criar intrigas da minha vinda aqui. Então, eu queria deixar um recado para os desavisados: não há nada que me impeça de vir à Bahia e a Salvador fazer qualquer coisa no estado. Eu tenho dito: “eu sou cidadão soteropolitano”.



Mandeí escrever aqui, porque falar soteropolitano é difícil. Segundo, eu sou pernambucano, fiz a minha vida em São Paulo, mas não tem nenhum lugar do Brasil em que eu seja tratado, ao longo desses 25 anos, como eu sou tratado neste estado e nesta cidade.

Quero cumprimentar o Secretário de Transporte, quero cumprimentar os nossos vereadores, nossos deputados federais, nossos deputados estaduais, que estão todos aqui atrás, os secretários municipais, os secretários do estado que estão aqui, e queria dizer para vocês o seguinte: primeiro, eu já estou feliz... eu vi uns trabalhadores levantando a carteira profissional para mim. Estou feliz porque tenho um compromisso, não apenas moral, mas um compromisso do Secretário, do Prefeito de que, em todas as admissões que a gente for fazer para o metrô, a gente vai dar prioridade para os trabalhadores que já trabalhavam aqui no metrô, para que eles possam ser empregados novamente. Segundo, quero dizer para vocês que o nosso desejo é gerar os milhões de empregos que o Brasil precisa, porque a gente não pode esquecer que nós tivemos um década perdida, de 1980 a 1990, nós tivemos praticamente 10 anos de desemprego crescente neste país. Depois tivemos, de 1990 a praticamente 2002, uma economia crescendo de forma muito frágil e, portanto, muito desemprego. Graças a Deus, nesses 39 meses, nós já temos mais de quatro milhões de empregos de carteira assinada, o que é uma coisa extraordinária. Porque, quando eu vejo um trabalhador com a sua carteirinha assinada, significa que esse trabalhador deu um passo a diante para conquistar, definitivamente, a sua cidadania.

A terceira coisa que eu queria dizer para vocês é que o metrô, no ano de 2000, 2001, eu não sei quando começaram os metrôs, teve uma megalomania no Brasil, ou seja, começaram a construir quatros metrôs em estados grandes e importantes: Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Ceará. Ou seja, uma galinha, por mais que ela saiba que precisa botar ovo para ter mais pintinhos, ela bota um de cada vez. Ou seja, tentar construir quatro metrôs, de quatro



cidades importantes, sem levar em conta a definição de prioridades, do que era o mais necessário, e sem levar em conta a necessidade de garantir o dinheiro, já que tinha a contrapartida de bancos internacionais, foi um pouco presunção ou um pouco problema eleitoral.

Veja, aqui eu quero fazer justiça, primeiro ao ministro Jaques Wagner, que ficou no ano passado inteiro, ao pé do meu ouvido: “Presidente, dinheiro para o metrô; Presidente, dinheiro para o metrô”. Quero agradecer ao Prefeito, que tomou posse e já foi a Brasília pedir o metrô. E agora, o que está acontecendo? O governo federal não tem nenhum interesse de ficar, de Brasília, administrando o metrô. O ideal é que a gente consiga passar para uma parceria estado e prefeitura, para que ele seja gerido aqui. Então, nós fizemos isso com a Bahia, nós fizemos isso com o Ceará, com Pernambuco ainda não conseguimos fazer o acordo e com Minas Gerais ainda não conseguimos, porque tem governador que não quer e tem prefeito que não quer. Se não quiserem, a gente vai ter que fazê-los. Mas, primeiro, nós queremos fazer uma parceria, porque é muito difícil, a dois mil quilômetros de distância, o governo federal tentar dirigir um metrô em Belo Horizonte, Salvador, Recife ou Fortaleza.

Então, Salvador topou, e Salvador foi colocado no PPI, portanto nós estamos a alguns dias de votar, no Congresso Nacional, de votar o Orçamento. E votando o Orçamento, Secretário, Governador e Prefeito, o Governador assumiu o compromisso, com o Banco do Brasil, de comprar os trens novos. E este ano, podem ficar tranquilos, até terminar essa primeira fase, não vai mais faltar o dinheiro para o metrô de Salvador. O metrô de Salvador e o metrô de Fortaleza vão ter seqüência, porque os recursos estão garantidos no PPI. Se Pernambuco e Minas Gerais fizerem acordos, eles também vão ter o dinheiro enquadrado.

A quarta coisa que eu queria dizer para vocês, gente, é que no Brasil, normalmente, tem gente que faz e tem gente que tenta destruir. E destruir é



mais fácil do que construir. Vejam uma coisa: uma árvore demora 30, 40, 50 anos para que possa dar uma sombra frondosa para a gente descansar. Mas, hoje, o cara vai com a moto-serra e, em cinco minutos, acabou a árvore. A gente passa a vida inteira construindo uma casinha, pobre sabe o que é isso. Primeiro constrói um quarto e cozinha, depois constrói um banheirinho, depois constrói um outro quartinho, aí vem uma enxurrada e leva a nossa casa em 30 segundos. Construir leva anos e, no Brasil, tem um tipo de político que, não só tenta destruir o que você faz, como ele não quer que você faça.

Vocês são inteligentes, vocês lêem jornais, vêem televisão, ouvem rádio, vocês devem saber o que está acontecendo no Brasil neste instante. Vocês assistiram a alguns capítulos desta novela JK, deste especial. Hoje, 50 anos depois que ele morreu, JK está sendo vendido como herói mas, a novela, o documentário mostra como é que os que estão me atacando hoje atacavam JK em 1950. Vocês estão percebendo. Ora, qual é o papel de um presidente da República, de um governador de estado, de um prefeito? Na hora em que a gente assume o cargo, a gente não pode responder todas as ofensas com que a gente é atacado, porque eu gosto de uma briga, adoro uma briga, quem me conhece sabe que eu adoro uma briga. Agora, eu sou o presidente da República, eu não posso ficar respondendo cada baixo nível que fazem contra mim, não posso. A minha responsabilidade é tentar dar de mim aquilo que vocês acreditaram que eu podia dar e foi por isso que, neste estado aqui, eu tive a votação que tive nas eleições de 2002.

Vejam, eu tenho dito... estou vindo agora de... nós fomos a Cruz das Almas e a Cachoeira. Nós fomos lançar a Universidade Federal do Recôncavo Baiano para tirar esse negócio de as escolas serem apenas nas capitais e levar cursos das universidades federais para o interior. Ao invés de o pobre ficar perambulando atrás de uma faculdade na capital, a capital vai para o interior, o que facilita que as famílias mais pobres coloquem seus filhos nas universidades neste país.



Eu não tenho dúvida nenhuma de que, se pegar a história do Brasil dos últimos 100 anos, não tem metade da política social que nós estamos fazendo. Aqui está o companheiro Walmir, que é da Direção Nacional dos Sem Terra. De vez em quando a Direção Nacional dos Sem Terra tem divergências com o governo e o governo com eles. Agora, eu duvido que, desde que o Sem Terra nasceu, na década de 80, alguém tem tratado os sem terra com o respeito que eu tenho tratado e sei que, no estado, também o Governador tem boa política com os sem terra e sei que o Prefeito trata os sem terra com um carinho muito grande.

O Walmir sabe que o dinheiro do Pronaf, antes do nosso governo, era apenas para o Rio Grande do Sul e para Santa Catarina, que estavam mais organizados e pegavam 80% do dinheiro. O dinheiro não chegava ao Nordeste brasileiro, e hoje o dinheiro do Pronaf chega à Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Piauí, Amazonas, Pará, Amapá, Roraima, Rondônia, chega ao estado do Acre, e chega onde tiver um trabalhador rural precisando de financiamento neste país. É por isso que nós saímos de 2 bilhões e 400 milhões para 9 bilhões de financiamento.

Eu sei que o programa Bolsa Família é um programa pequeno. Eu sei que tem muita gente que fala “isso é esmola”, mas as pessoas que falam que é esmola não sabem o que é uma mãe de família passar dez, 15 ou 20 dias sem ver uma nota de real para comprar sal ou feijão para o filho. Nós já estamos próximos de nove milhões de famílias, e aqui, na Bahia, praticamente um milhão e 100 mil pessoas recebem, mensalmente, sem dever favor para político, porque a pessoa não recebe de nenhum vereador, nenhum deputado, nenhum prefeito, a pessoa recebe o seu cartão na Caixa e vai receber o seu dinheiro sem dever favor a ninguém. Nunca receberam uma carta minha, porque o pobre não tem que dever favor porque recebe um auxílio, o pobre, neste país, precisa ser respeitado.

É por isso que, de vez em quando, sai manchete nos jornais: “Lula está



gastando com pobres, poderia estar gastando em estradas”. Eu quero gastar em estradas, mas eu posso dizer que, entre um metro de asfalto e uma vida humana, eu vou priorizar a vida humana, porque ela é muito mais necessária. Vou fazer isso porque a gente aprendeu desde pequeno: saco vazio não pára em pé. E criança com fome e mulher desnutrida, se a mulher estiver desnutrida, o filho, que estiver no seu ventre, vai nascer com problemas. E se a criança estiver desnutrida, a criança não vai aprender na escola o necessário para poder competir a uma vaga no futuro.

Então, eu quero dizer para vocês uma coisa: podem fazer as críticas que quiserem, porque no campo da política eu sou democrático. Agora, podem me pedir para fazer o que quiser, mas não me peçam para tratar o pobre como um cidadão de segunda classe neste país. Não me peçam, porque eu sei o que é andar dez quilômetros a pé, oito ou seis para ir trabalhar porque não tinha dinheiro para passagem, porque eu já fiz isso. Eu sei o que é um filho agarrado no rabo da saia da mãe, a mãe vendo o filho pedir feijão e não ter, para colocar no fogo para cozinhar, e disso eu não vou descuidar.

Agora, no Brasil é assim: você investe num projeto para fazer uma grande obra, que vai atender muitos empresários, que é importante a gente fazer também, aí tratam aquilo como se fosse investimento. Aí você dá uma coisa, uma ambulância para cuidar de pobre, e falam: “está gastando dinheiro”. Eu acho que, se tem um investimento sagrado na face da terra, é o investimento em gente, é o investimento no ser humano. De um lado, dar a possibilidade de trabalhar, de outro lado, dar a possibilidade de comer e de garantir que o pobre, neste país, vai poder estudar e vai poder sonhar em ser doutor um dia.

Isso não estava na contabilidade política do Brasil e não estava, governador, na contabilidade política do mundo. Eu, por exemplo, fui convidado para ir a Evian, a uma reunião em que estavam os presidentes dos Estados Unidos, da China, do Japão, o primeiro-ministro da Inglaterra, da Itália, da



Alemanha, aquelas figuras que a gente vê na televisão todo dia. Eu lembro que, quando eu introduzi o problema da miséria e o problema da África nessas reuniões, aquilo não estava na ordem do dia, porque eu ali me sentia como se fosse um intruso. Afinal de contas, era a primeira vez na vida que um operário, metalúrgico, torneiro mecânico, participava de uma reunião com as oito potências mais importantes do mundo.

E isso é uma coisa que nos dá autoridade moral. Eu, por exemplo, já visitei 17 países da África, e por que eu estou visitando a África e não a França e a Alemanha? Ora, eles são parceiros comerciais mais importantes para o Brasil! É porque eu acho que o Brasil deve à África, o Brasil não deve outra coisa senão a cor da nossa gente, a alegria da nossa gente, a inteligência da nossa gente. A gente deve ao cruzamento de uma terra sem preconceito, que é o cruzamento do europeu, do índio e do negro, que deu essas mulheres e esses homens extraordinários, que sabem dançar como ninguém, que jogam bola como ninguém, que têm alegria na tristeza. Eu vejo as pessoas, às vezes, sofrendo, mas a pessoa está com o ar alegre, sabe por quê? Porque nós, brasileiros, não perdemos a nossa esperança, não perdemos e não há razão pela qual a gente deva perder. Nós precisamos levantar, todo santo dia, de cabeça erguida, bem erguida e dizer: “hoje eu não estou bem, a situação está mal, mas, primeiro de tudo, eu creio em Deus; segundo, eu sou brasileiro; terceiro, eu sou lutador e eu vou mudar a minha vida”.

Quero agradecer a vocês. Eu vou descer aí para lhe dar um beijo, minha filha, eu vou dar um jeito de descer aí para cumprimentar você. Eu queria dizer a vocês, companheiros e companheiras, que vocês nunca tenham medo de fazer uma crítica a mim ou levantar uma faixa que às vezes me critica. Nunca, sabe por quê? Eu sou filho disso. Metade da minha vida eu passei protestando, metade da minha vida eu passei cobrando e não é agora, que eu virei presidente da República, que eu vou achar ruim quando um companheiro cobra



de mim alguma coisa. Tem que cobrar porque nós, governantes, só fazemos as coisas quando o povo está no nosso calcanhar cobrando, cobrando, cobrando.

E agora vai ser importante, porque tem um tipo de político que só sabe fazer política falando mal do outro, e eu acho que os nossos companheiros, que vão fazer política agora, vão fazer política falando bem das coisas que nós fizemos, porque é isso que interessa ao povo. O povo não quer saber de xingatório, o povo não quer saber de baixo nível, o povo não quer saber de pessoas com leviandades contra as outras. O povo quer saber o seguinte: “você está fazendo alguma coisa por mim? Merece o meu respeito. Não está fazendo? Pode sumir da minha frente, que eu não tenho interesse em respeitar quem não me respeita”.

Muito obrigado a todos vocês e até outro dia, se Deus quiser.